

Guia de relações multiespécies na Baía de Florianópolis – SC

IVAN TADEU GOMES DE OLIVEIRA 

Universidade Federal de Santa Catarina | Santa Catarina, SC, Brasil

ivan.gomes@protonmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v30i1pe179745

Este ensaio gráfico é resultado de vasta pesquisa acerca da frutífera associação entre antropologia e desenho. Mas mesmo antes do trabalho junto a teorias que ajudaram a situar o desenho no trabalho etnográfico, minhas mãos sempre me levaram a mobilizar as linhas desenhadas como forma de conhecer o mundo e manifestar as sínteses das minhas experiências. Muito embora de maneira intermitente, expressões gráficas apareciam aqui e ali ao longo de minha trajetória escolar, mesmo na graduação em Ciências Sociais, e o papel dos mestre-professores que motivaram essa prática foi também fundamental.

Mas foi ao longo da etnografia e das pesquisas para a dissertação, com incentivo do meu orientador prof. Dr. Rafael Devos, que a coordenação entre desenho e antropologia passou a ganhar mais corpo e reflexão. O maior desafio desse projeto diz respeito à mobilização do corpo para empreender os movimentos e a disciplina necessários para compor os desenhos. Tendo a escrita como prática central da formação escolar, a resistência em ficar diante de uma prancheta de desenho foi um obstáculo que constantemente houvera que ser transposto. Não apenas diante de uma prancheta, como o próprio desenho no caderno de campo durante as incursões à paisagem. Mesmo inclinado a desenhar, e ter certa familiaridade com a habilidade, não posso deixar de registrar como escrever demandou menos esforço corporal do que desenhar.

Mais do que cumprir com o compromisso que, em meu íntimo, firmei com o projeto proposto, eu queria me esforçar em, aos poucos, atravessar essas barreiras corporais e exercitar o desenho não apenas como maneira de representar a paisagem analisada, mas, mais do que isso, para ajudar a abrir canais perceptivos para as potencialidades que o desenhar tinham a oferecer para minha formação como antropólogo e, antes disso, como habitante da paisagem. Além disso, foi criando mais corpo a sensação de que a linguagem a partir dos desenhos propiciam maneiras bastante particulares de tratamento das experiências etnográficas, e eu ansiava em me arriscar e experimentar essas experiências.



e179745

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v30i1pe179745>

Em meu auxílio, sempre tive a companhia de amigas/os antropólogas/os com papéis diversos: desde inspirar teórica e graficamente, até motivar nos momentos de insegurança exagerada. Em especial não posso deixar de citar Aina Azevedo (2016a; 2016b) e seu amplo trabalho com antropologia e desenho, em especial o magnífico *Weathering*, em parceria com Sara Schroer (Azevedo e Schroer, 2016) – um ensaio gráfico que me abriu as portas das possibilidades e potencialidades das coordenações entre antropologia e desenho. *Weathering* é um ensaio gráfico que trata de um retalho ecológico em que se desenvolve a interação mais que humana dentro da prática da falcoaria. A fim de descrever os diversos elementos – humanos e não humanos – que compõem a falcoaria, o desenho nos ajuda a perceber diversas dinâmicas de maneira nítida, ilustrativa e muito bela.

Outro antropólogo que colaborou neste projeto foi Tim Ingold (2015) em suas reflexões sobre algumas características que orbitam o desenho, o desenhar e as potencialidades quando em composição com a etnografia. Em especial destaco o diálogo que Tim Ingold realiza com o historiador da arte Norman Bryson, ensaiando comparações entre a pintura a óleo ocidental e o desenho. Ingold argumenta que pintura a óleo preenche totalmente a tela, que não há espaço sem preenchimento. Na tarefa de representar seu objeto, o pintor cobre com grossa camada de tinta não apenas o vazio, como os traços dos esboços que serviram de guia no processo de composição das formas e do trabalho final. Não era por essa trilha que eu pretendia seguir, tendo em vista que minha sensibilidade diante da paisagem percebia muitas linhas em constante emaranhamento, tecendo o ambiente (Ingold, 2015). Linhas que se tocam, se cruzam, mas não definem nem estacionam. Como os desenhos.

Desenhos, do ponto de vista de Ingold e Bryson – e do meu também -, não pretendem completar a tela. Linhas são levadas a passear (Klee *apud* Ingold, 2015) e, por repetição e leve (ou pesada) tessitura, deixam transparecer vazios no papel, uma vez que não têm por obrigação obediência à “lei do por toda parte”, mantendo à mostra o processo de composição, tornando a superfície do desenho uma reserva de possibilidades (Ingold, 2015). Não significa que a natureza inconclusa do desenho não seja capaz de contar histórias sobre o campo: o emaranhado de linhas, apesar de não conhecer uma conclusão final, possui a capacidade de se destacar e produzir formas distinguíveis na superfície em que se deita o desenho. Da mesma forma, a paisagem sob perspectiva antropológica nos convida, assim como o desenho, a compor etnografias que se inspirem em seu aspecto processual, aberto, antitotalizante e inconclusivo (Ingold, 2015).

A (re)aproximação do desenho com antropologia – ou o desenho como método etnográfico – inspirou desafios que ultrapassaram minha habilidade motora fina. Afinal, não se trata aqui de atribuir a qualidade do método à qualidade do traço (Kuschnir, 2012). Nesse sentido, ao longo da pesquisa, foram arriscadas algumas experimentações com caderno e caneta nanquim no colo e nas mãos, com o corpo sentado na cadeira de praia estirada na passarela da ponte Pedro Ivo Campos, em Florianópolis - SC, deixando o olhar se demorar no espaço que

pretendia etnografar. Disso saíram alguns dos desenhos espalhados neste ensaio. Era o aquecimento. Foi o bastante para perceber no corpo a distinção temporal em relação à métodos como a filmagem ou a fotografia.

Outro destaque digno de nota são as interações que o desenho e o desenhar podem provocar entre antropólogo/a e interlocutor/a. Permanecer sentado – ou em pé, ou caminhando, como for – com caderno e caneta no colo e nas mãos atraiu atenção desejada para começar a desenvolver relações com os interlocutores. Curiosidade, admiração e surpresa se mostraram caminhos para a aproximação entre nós.

Este ensaio gráfico buscou diálogo com outros campos e saberes, como a ecologia, a biologia, a oceanografia, a teoria literária, a literatura e a arquitetura. Imaginação é potência. O “inreal”¹ borra o limite entre real e irreal. A especulação pode auxiliar antropólogos e antropólogas adentrar potencialidades da paisagem. O fantástico trabalho da arquiteta Ángela León (2018) em diálogo com as ideias dos romancistas Daniel Galera (2019) e José Saer (2009), além das reflexões de Alexandre Nodari (2015) resultaram em uma pequena epifania: inscrever, por meio de desenhos, elementos da paisagem que faço campo com base nas imaginações dos interlocutores que a habitam. Conversar com pescadores, ciclistas e peregrinos que circulam (ou não) pela passarela, pelas margens e pela baía de Florianópolis - SC, pedindo que imaginem, descrevam e projetem melhorias ou idealizações da paisagem de tal forma a tornar sua prática mais prazerosa, alegre, harmônica e convidativa – ou seja, pedir que façam o mapeamento do ambiente com base em sua forma de percebê-lo e projetá-lo.

Fazer um esforço ainda por uma antropologia que se atente à “outridade significativa”, como propôs Donna Haraway (2003). Um Outro que se comunica por outros canais que não a linguagem verbal – procurar entender também as perspectivas e projetos de fazer mundo dos habitantes não humanos da paisagem. A partir de suas narrativas, elaborar croquis, projetos, desenhos fantásticos – inspirado pelos desenhos de Ángela León - na intenção de que as respostas possam me dizer muito sobre a paisagem, o ambiente e as habitabilidades e socialidades de seus habitantes.

Tomado por essa soma de inspirações, junto com as demais pesquisas e incursões a campo realizadas ao longo da pesquisa, entre 2019 e 2020, compus o ensaio gráfico que segue. Assim como o desenho de que fala Tim Ingold, esse é um ensaio processual, aberto, antitotalizante e inconclusivo. O fim não é bem um fim. A paisagem permanece em devir quando viramos nossas costas e nos dirigimos para casa. O que ficam são as histórias que tentei contar a partir do desenho, e que espero que possam imprimir em quem tiver contato com elas novas percepções sobre a paisagem da baía de Florianópolis, suas dinâmicas, seus habitantes e sua assembleia mais que humana.

¹ Inreal é empregado aqui a partir do uso que lhe foi dado por Clarice Lispector, como notou Nodari (2015: 82).

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Aina. 2016a. Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, n. 2. p.15-32. DOI <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.1096>
- AZEVEDO, Aina. 2016b. Um convite à antropologia desenhada. *METAgrias: metalinguagem e outras figuras*, v. 1, n. 1. P.194-208. DOI <https://doi.org/10.26512/mgraph.v1i1.50>
- AZEVEDO, Aina; SCHROER, Sara Asu. 2016. *Weathering: a graphic essay*. *Vibrant*, v. 13,
- HARAWAY, Donna. 2003. *The Companion species manifesto: dogs, people and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press.
- INGOLD, Tim. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Trad. Fábio Creder. Petrópolis: Vozes.
- KUSCHNIR, Karina. 2012. Desenhando cidades. *Sociologia & Antropologia*. v. 02, n. 04: p. 295-314.
DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752012v2413>
- LEÓN, Ángela. 2018. *Guia Fantástico de São Paulo*. 2ª edição. São Paulo: Lote 42.
- NODARI, Alexandre. A literatura como antropologia especulativa. *Revista da ANPOLL (Online)*, v. 1, p. 75-85, 2015.
- SAER, Juan José. *O conceito de ficção*. Tradução de Joca Wolff. *Sopro*, 15, p. 1-4, 2009.
- TSING, Anna. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Reino Unido: Princeton University Press.
- TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

sobre o autor

Ivan Tadeu Gomes de Oliveira

Mestre em Antropologia Social, bacharel em Ciências Sociais, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Também é Técnico Administrativo em Educação na mesma instituição.

Contribuição de Autoria: Não se Aplica

Financiamento: A pesquisa não contou com financiamento público.

Recebido em 10/12/2020

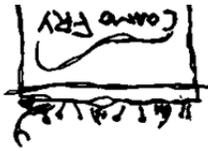
Aceito para publicação em 08/06/2021

Assembleia mais que humana na baía da Ilha de Santa Catarina

"Assembleias de paisagens surgem da justaposição de variados modos de fazer mundos; nenhuma cosmologia singular pode ordenar uma paisagem sozinha!"

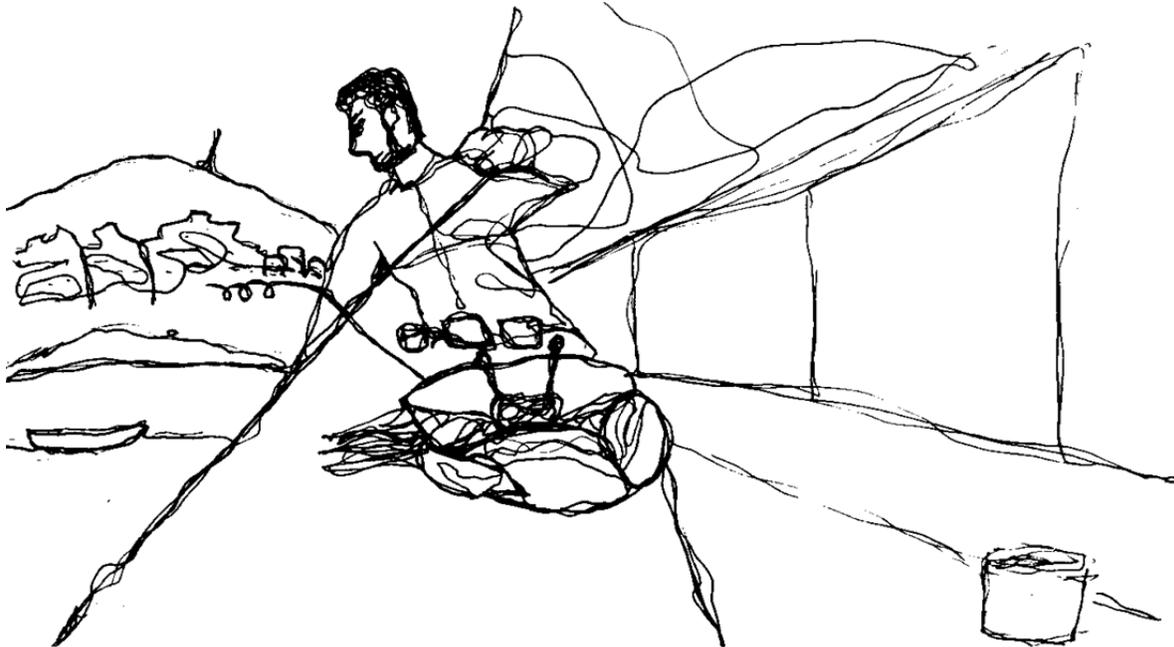
Anna Tsing





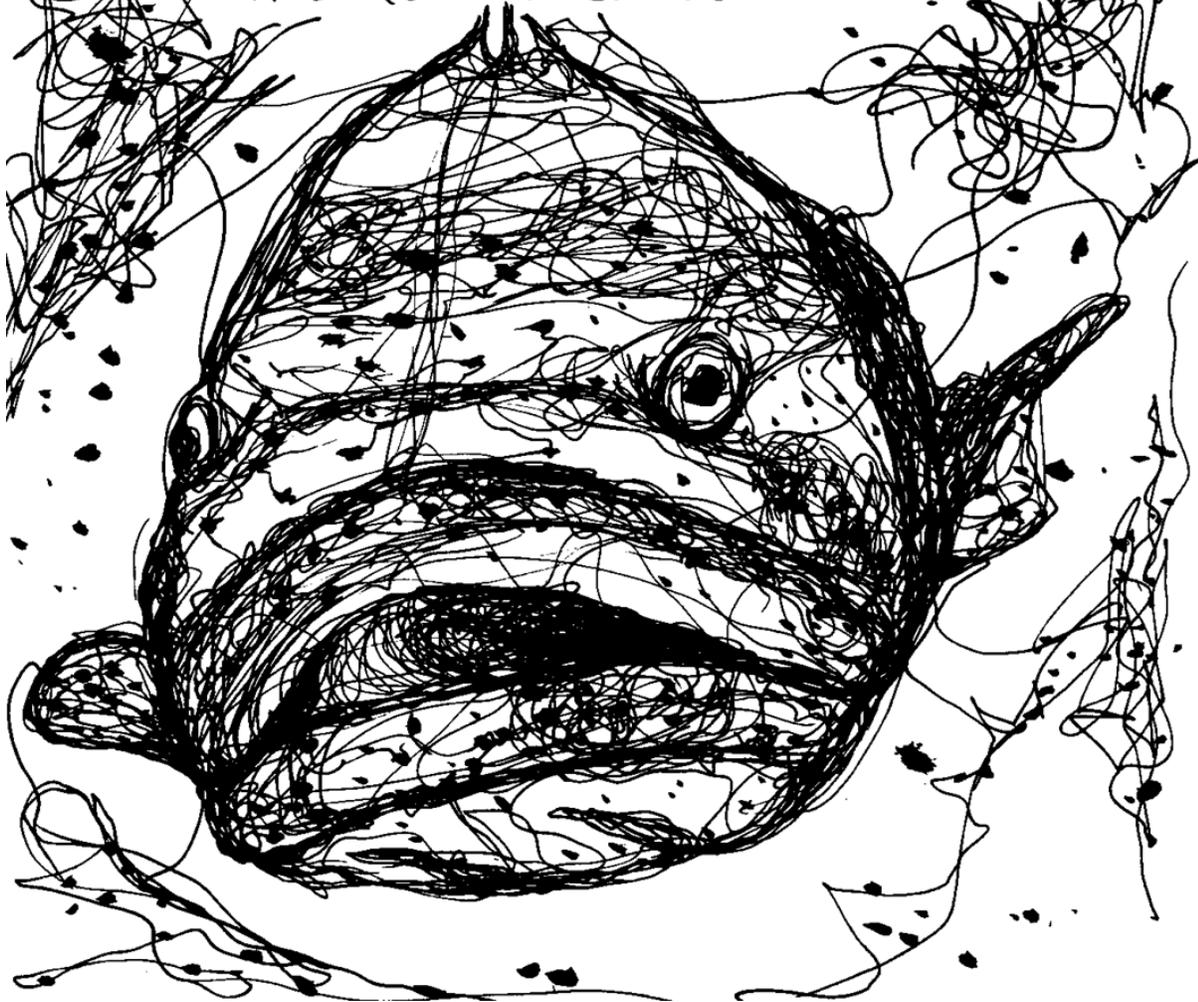
⁶⁵³ CARANGUEJO

SÃO CRUSTÁCEOS HABITANTES DE MANGUEZAIS. A PERCEÇÃO HUMANA, SEUS MOVIMENTOS SÃO LENTOS E ARRASTADOS, MAS QUE NÃO HAJA DESCUÍDO: SUAS GARRAS SE FECHAM COM SURPREENDENTE VELOCIDADE AO MENOR SINAL DE AMEAÇA. ESTRANHAM NOSSO MODO DE ANDAR: "COM PRESSA E PRA FRENTE NÃO SE HABITA LUGAR ALGUM", DIZEM. PODEM SER AVISTADOS VISITANDO A PASSARELA DA PONTE PEDRO IVO CAMPOS NA COMPANHIA DE PESCADORES. LEVADOS DO MANGUE PARA A CASA DO PESCADOR, SÃO TRATADOS A PÃO-DE-LO: "TIRAMOS A SORTE GRANDE", COMEMORAM, IGNORANTES SOBRE SEU FUTURO: VIRAM ISCA DE BURRIQUETE.



ITAJARA

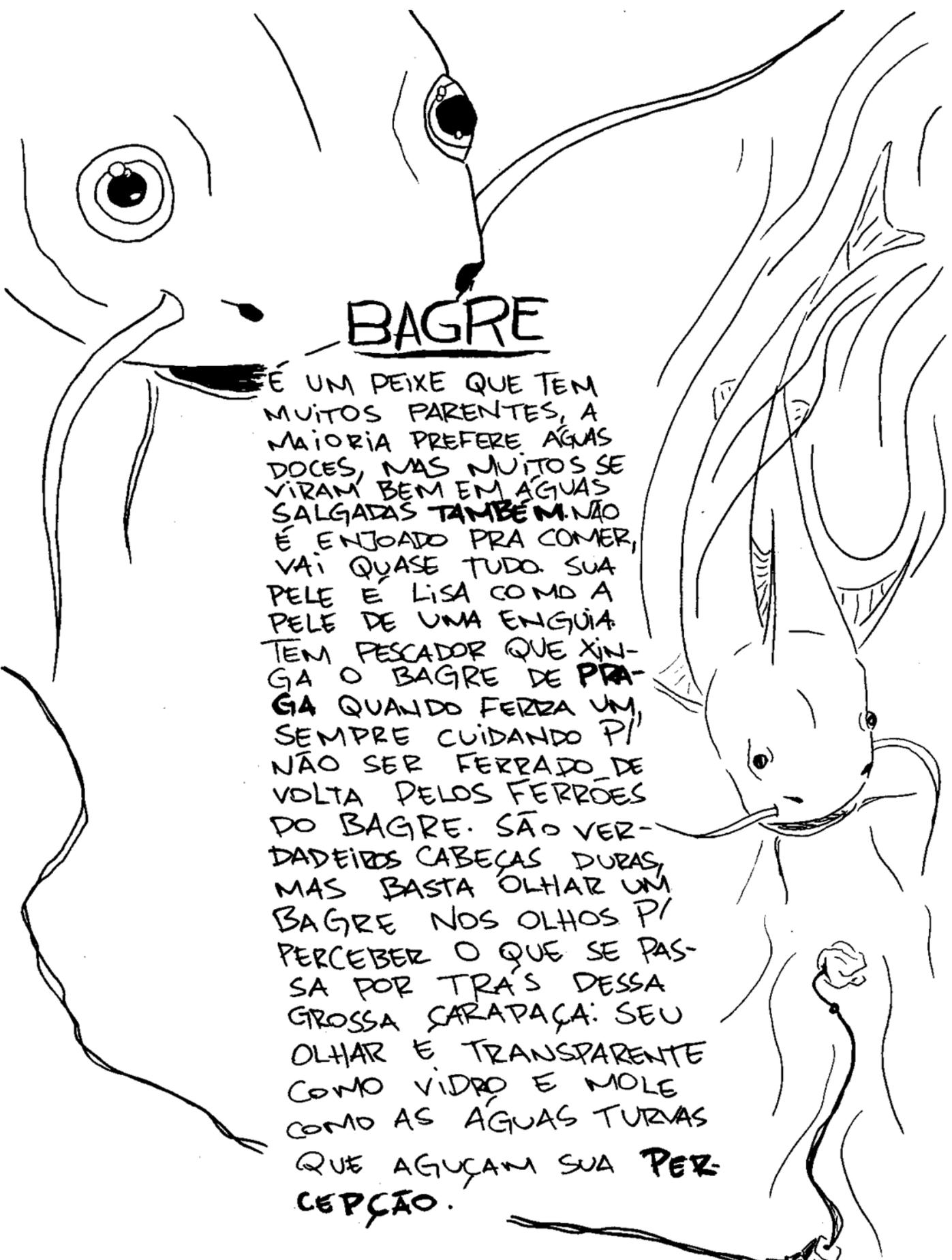
TEM QUEM OS CONHEÇA COMO ME-
RO, MAS PREFIRO ITAJARA, POIS
REMETE UM TEMPO EM QUE ERAM
MUITOS E O ESPECTRO DA EXTIN-
ÇÃO NÃO BONDAVA SEUS CORPOS,
QUE PODEM ALCANÇAR INCRÍVEIS
TRÊS METROS E QUASE MEIA TO-
NELADA. SUA PELE LEMBRA UMA
PINTURA ABSTRATA EM PLENTO E
ELEGANTE MOVIMENTO. SÃO CAL-
MOS, PACÍFICOS, LENTOS E SÁBIOS.
ERMITÕES COMO MUITO ANTRO-
PÓLOGOS E ANTRÓLOGAS DU-
RANTE SUAS PESQUISAS DE CAM-
PO E ESCRITAS DE DISSERTAÇÃO
OU TESE, CERCANDO-SE E
VIVENDO NA COMPANHIA DE OU-
TROS QUE NÃO OS SEUS.



ÍNDIO AZUL

TATUADO NA PELE DA PONTE, O ÍNDIO AZUL É CRIA DO ARTISTA PLÁSTICO DE RUA CRÂNIO, HABITANDO AS CERCANIAS DO CANAL CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS. DESDE MEADOS DA DÉCADA DE 2010. DISPÕE DE INCONTÁVEIS — POSTO EFÊMEROS — PARENTES ESTALHADOS EM EQUIPAMENTOS URBANOS E ARQUITETÔNICOS MUNDO AFORA. TACITURNO E RESERVADO, VIVE EM COMPANHIA DOS CANALEDES DO RIZO, DAS FONTES ESTILOZAS DO VEJAM E MUITAS OUTRAS ENTIDADES PIGMENTADAS. QUANDO BAIXA SOBERANO VENTO SUL, O ÍNDIO AZUL É DOS POUCOS HABITANTES DO CANAL VISTOS POR ALI, APESAR DE CLARAMENTE SENTIR A CONDIÇÃO DE SEMI NU. HA BOATOS EM QUE O ÍNDIO AZUL ATUA REPELINDO FORÇAS DE NATUREZA REPRESSORA QUE SE ALIMENTAM DE ENERGIAS CRIATIVAS, E QUE NUNCA ANTES O ÍNDIO AZUL TRABALHO TANTO COMO NO ÚLTIMO PAR DE ANO...





BAGRE

É UM PEIXE QUE TEM MUITOS PARENTES, A MAIORIA PREFERE ÁGUAS DOÇES, MAS MUITOS SE VIRAM BEM EM ÁGUAS SALGADAS **TAMBÉM**. NÃO É ENJOADO PRA COMER, VAI QUASE TUDO. SUA PELE É LISA COMO A PELE DE UMA ENGUIA. TEM PESCADOR QUE XINGA O BAGRE DE **PRA-GA** QUANDO FERRE UM, SEMPRE CUIDANDO P/ NÃO SER FERRADO DE VOLTA PELOS FERROES DO BAGRE. SÃO VERDADEIRAS CABEÇAS DURAS, MAS BASTA OLHAR UM BAGRE NOS OLHOS P/ PERCEBER O QUE SE PASSA POR TRÁS DESSA GROSSA CARAPAÇA: SEU OLHAR É TRANSPARENTE COMO VIDRO E MOLE COMO AS ÁGUAS TURVAS QUE AGUÇAM SUA **PERCEPÇÃO**.

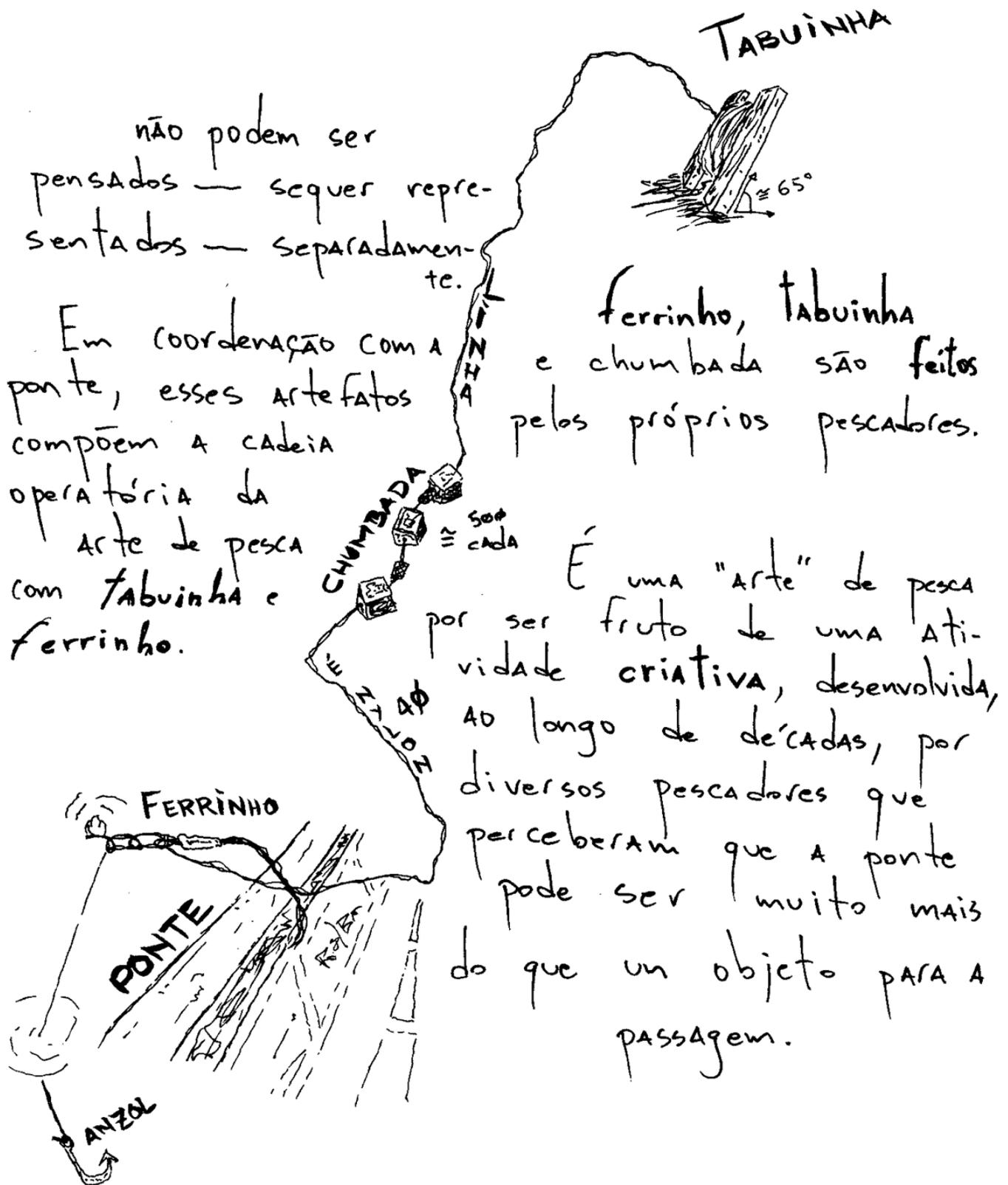
ARTE DE PESCA COM TABUINHA E FERRINHO

"Talvez o olhar já queira
encostar
e eu enxergue com as
mãos"

BODGACINS





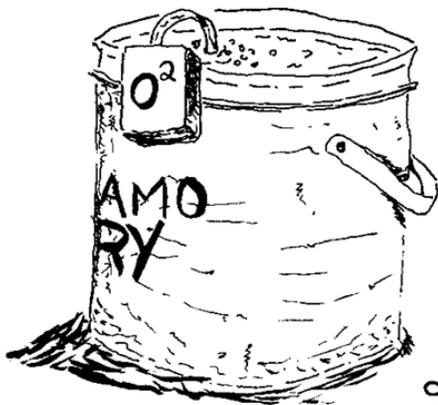




"Cuidado que tá subindo
o ouro!", disse certa
noite um pescador ao passar
o viveiro de camarão para outro pes-
cador que carregava os artefatos ao subir
uma escada improvisada para acessar a
passarela da ponte

VIVEIRO

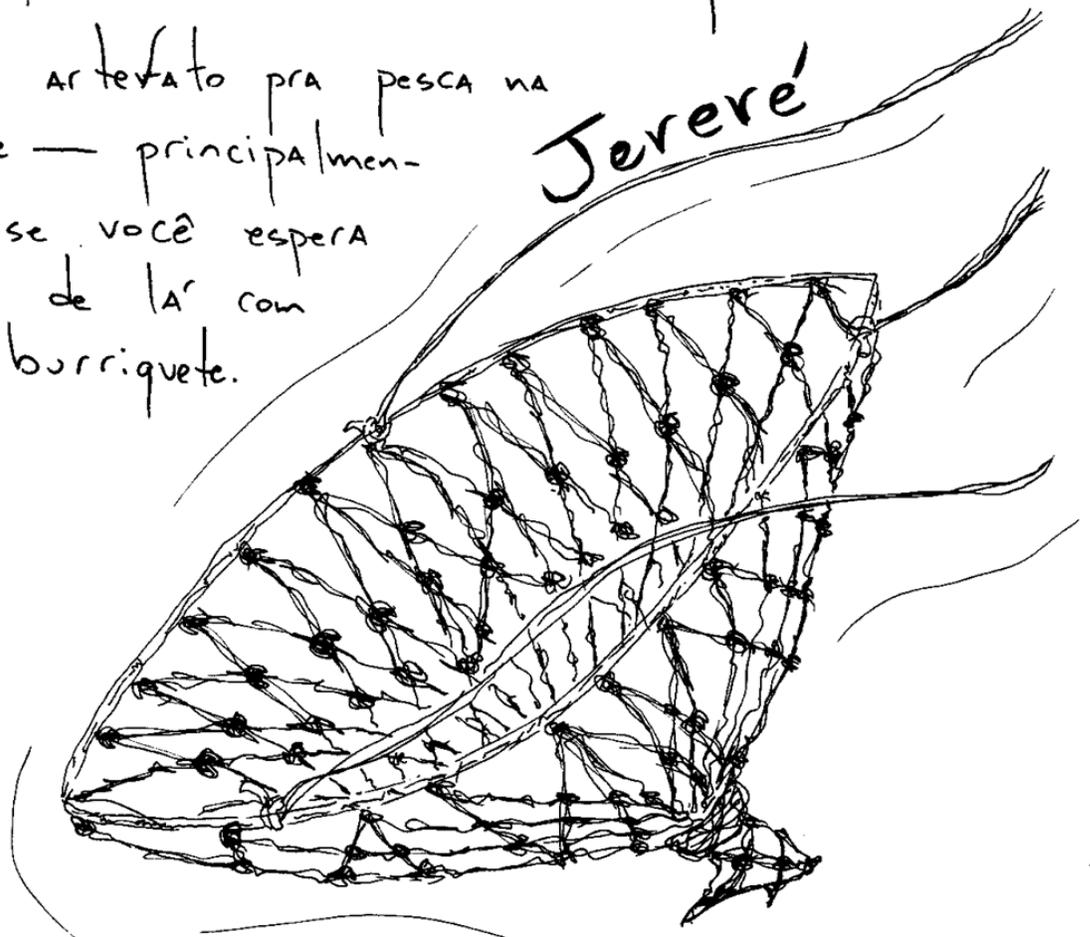
Colombo Machado Salles.



Normalmente feito com
um baldinho de gordura
vegetal reaproveitado, com
um motorzinho de oxig-
enação acoplado, atua para
manter vivos os camarões que servem de
isca viva — ou comida fresca — para
pesca de corvinas, burriquetes, pescadas
e, principalmente, robalos.

"É o que eu sempre digo:
'nãõ vem pra ponte sem o jereré'".

A frase resume bem a importância
desse artefato pra pesca na
ponte — principalmen-
te se você espera
sair de lá com
um burriquete.



Isso porque, sem o jereré, você será obrigado a
puxar o peixe até a passarela, a uma altura de
cerca de ~~30~~ metros, e fazer isso sem rasgar a
boca de um peixe de mais de 10 kg só pelo
anzol seria improvável.

